

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Andreza Mara da Fonseca

**CONTANDO HISTÓRIAS E CONHECENDO UM POUCO DA CULTURA
AFRICANA E AFRO- BRASILEIRA: A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E
A APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03**

Belo Horizonte
2010
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

Andreza Mara da Fonseca

**CONTANDO HISTÓRIAS E CONHECENDO UM POUCO DA CULTURA
AFRICANA E AFRO- BRASILEIRA: A LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
E A APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em História da África e Cultura Afro-Brasileira, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador (a): Elânia de Oliveira

Belo Horizonte
2010

Dedico este trabalho a minha família, aos meus
alunos e a todos que participaram desta vitória.

Quero inicialmente agradecer a Deus pela vida, à minha filha pela paciência e amor, ao meu marido pela compreensão, a minha mãe pela força (sempre) e as minhas irmãs pela ajuda. E finalmente aos professores e ao meu grupo de trabalho no LASEB, pelo enriquecimento e conhecimentos adquiridos.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.

Para odiar, as pessoas precisam aprender; e se podem aprender a odiar, podem também ser ensinadas a amar.”

Nelson Mandela

RESUMO

Este trabalho parte de uma necessidade do meu trabalho docente – dar visibilidade à temática étnico – racial na Educação Infantil da Escola Municipal Desembargador Loreto Ribeiro de Abreu. A partir do interesse da turma em que trabalho e da análise e reflexão da minha própria prática pedagógica, relacionando-a e problematizando-a com as referências conceituais e conhecimentos adquiridos ao longo do curso de especialização, construí o Plano de Ação Pedagógica: “Contando histórias e conhecendo um pouco da cultura africana e afro-brasileira: uma reflexão sobre a aplicação da Lei 10.639/03, através da literatura na Educação Infantil”. Esse projeto teve como objetivo promover ações para que as crianças, e também pais, colegas e comunidade escolar, pudessem conhecer, reconhecer e valorizar os modos de vida, a cultura e a identidade dos descendentes de africanos através das histórias e da literatura infantil que abordam a temática étnico-racial, reafirmando a escola como espaço de sociabilidade e oportunizando a superação de visões estereotipadas que geram conflitos e preconceitos raciais. Ele foi desenvolvido durante os meses de maio a setembro de 2010, por meio da Literatura e da Contação de histórias. Os resultados

alcançados foram: diálogo entre família/ educadoras / crianças sobre educação das relações étnico- raciais, desconstrução de visões estereotipadas sobre os afro-brasileiros e africanos, cultura e registro da visita à Comunidade Quilombola de Mangueiras e confecção de um livro de pano com o reconto da história do Quilombo.

Palavras-chave: Educação Infantil; Relações étnico raciais; Literatura Infantil.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	10

3	O CONTEXTO DO PLANO DE AÇÃO	15
3.1	A escola	15
3.2	Eu e a escola.....	16
3.3	A escola e a Lei.....	17
3.4	A Educação Infantil e a Lei.....	18
4	METODOLOGIA.....	20
4.1	O contexto da sala de aula.....	20
4.2	Ações.....	21
4.3	Com os pais.....	21
4.4	Com as crianças.....	22
4.5	Análise dos dados.....	26
5	CONCLUSÃO.....	29
6	REFERÊNCIAS	32

1. INTRODUÇÃO

O presente plano de ação “Contando histórias e conhecendo um pouco da cultura africana e afro-brasileira: uma reflexão sobre a aplicação da Lei 10.639/03, através da literatura na Educação Infantil” é um trabalho acadêmico que atende à disciplina ACPP.

A construção, aplicação e análise deste plano é requisito para a conclusão do curso LASEB - História da África e Culturas Afro-brasileiras: Uma introdução à Lei 10.639/03; e obtenção do título de especialista nesta área.

E além da exigência para o curso, existe a necessidade de se implementar as ações propostas pela Lei 10.639/03 e trabalhar a temática racial nas escolas, para romper com o silêncio racial e as visões estereotipadas e discriminatórias que existem em nossas escolas.

O Brasil, nos períodos da colônia, do império e da república, teve historicamente, no aspecto legal, uma postura ativa e permissiva diante da discriminação e do racismo que atinge a população afro - descendente brasileira até hoje. (MEC/SECAD/SEPIR, 2004. p.7)

Após vários decretos, e até mesmo a constituição de 1988, que asseguram direitos com ênfase na cidadania e na dignidade da pessoa humana, esta realidade ainda é marcada pela discriminação, preconceito e pelo racismo, conforme destacado no texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais (DCNs):

E a educação é um dos principais agentes de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre

caminhos para a ampliação da cidadania de um povo.
(MEC/SECAD/SEPIR, 2004)

A Lei 10.639/2003 institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar da Educação Básica. Essa decisão resgata historicamente a contribuição dos negros na construção da sociedade brasileira e tenta reverter os perversos efeitos de séculos de preconceito, discriminação e racismo.

Nesta perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial para interagirem e conviverem se respeitando, com direitos garantidos e identidade valorizada. De acordo com o texto das (DCNs) para a Educação das Relações Étnico – Raciais,

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminação elaboradas como objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas tem como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas.

(BRASIL, 2004. p. 16)

E é isso que me proponho a fazer aplicando esse plano de ação, tendo como um dos eixos do trabalho a literatura. Com esse enfoque, busca-se contribuir para as discussões em torno da necessidade de ações que promovam a desconstrução de uma visão estereotipada e folclorizada do negro, a partir de histórias que apresentam visões fantásticas e multiculturais, revelando outros heróis, outras imagens e outras visões de mundo.

2. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Desde a antiguidade, tanto a leitura quanto a escrita exercem grande importância na evolução da humanidade. Mas, saber decodificar letras em sons e codificar sons em letras, não é sinônimo de capacidade em utilizar a língua materna, pois essa capacidade de uso é equivalente à possibilidade de falar, escutar, escrever e ler em diferentes contextos de comunicação. Cabe à escola e, principalmente ao educador, relacionar as práticas de uso da linguagem às práticas sociais. No início da vida escolar, já na Educação Infantil, é necessário o trabalho com textos que circulam socialmente, dando maior importância à Literatura Infantil.

A Literatura Infantil, utilizada de modo adequado, é um instrumento de suma importância na construção do conhecimento do educando, fazendo com que ele desperte para o mundo da leitura, não só como um ato de aprendizagem significativa, mas também como uma atividade prazerosa, como forma de ver o mundo, os outros e a si mesmos.

Através da leitura, a criança se apropria de culturas e saberes historicamente acumulados pelo homem, adquirindo informações que o ajudarão na construção de seu conhecimento. A literatura, e conseqüentemente a leitura, é um dos caminhos mais viáveis para desenvolver e estimular a formação de idéias, que habilitarão o educando para uma escrita concisa e lógica.

A presença do negro no Brasil, em demonstrações culturais como a música, a literatura e artes plásticas, inicia-se nos primeiros séculos da colonização. Sendo a

literatura uma dimensão do conhecimento humano, não pode ser esquecida nas abordagens em relação à temática étnico-racial da educação escolar. Assim, no texto da Lei 10.639/03 que aponta para a introdução da história e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar brasileiro, traz como um dos eixos o trabalho com a Literatura:

“§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministradas no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.”
(MEC/SECAD/SEPIR,2004)

O objetivo da Lei, segundo Santos (2009), é reposicionar o negro e as relações raciais no mundo da educação, o que requer inserir conteúdos, rever práticas e posturas pedagógicas, materiais e métodos pedagógicos, rever conceitos e paradigmas, transformar a forma como as escolas executam a coordenação das relações raciais no seu cotidiano (marcado pela reprodução da discriminação e pelo silenciamento diante do racismo), transversalizar a discussão pelas diferentes disciplinas. Enfim, uma pauta bastante robusta, diversa e complexa que mexe diretamente nos jogos de poder em todos os âmbitos de construção e regulação das práticas educativas.

Educar para a igualdade racial é, portanto, interferir na constituição de referenciais, dos saberes que interferem decisivamente na formação de personalidades, visões de mundo e dos códigos comportamentais que orientam a forma como o indivíduo se percebe /posiciona no mundo – como ele vê o mundo e aprende a transitar, a se movimentar nele. É intervir na forma como o indivíduo se vê e vê ao outro.

Portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação que, segundo Vigotsky (1992, p.128), caminham juntos: “a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista.”. Neste sentido, o autor enfoca que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade. Esse distanciamento da realidade através de uma história, por exemplo, é essencial para uma penetração mais profunda na própria realidade: “afastamento do aspecto externo aparente da realidade dada

imediatamente na percepção primária possibilita processos cada vez mais complexos, com a ajuda dos quais a cognição da realidade se complica e se enriquece. (VYGOTSKY, 1992, p.129)”.

Ao falar do papel da literatura infantil, Bakhtin (1992), ressalta que, por ser um instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Hoje a dimensão de literatura infantil é muito mais ampla e importante. Ela proporciona à criança um desenvolvimento emocional, social e cognitivo indiscutíveis. Segundo Abramovich (1997), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais explícita os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos. Para a autora:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Nesse sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e perceber o prazer que a leitura produz, maior será a probabilidade dela tornar-se um adulto leitor. Da mesma forma, através da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, extremamente relevante à sua formação cognitiva.

É no encontro com qualquer forma de Literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Nesse sentido, a literatura apresenta-se não só como veículo de manifestação de cultura, mas também de ideologias.

A Literatura Infantil, por iniciar o homem no mundo literário, deve ser utilizada como instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, sendo fundamental mostrar que a literatura deve ser encarada, sempre, de modo global e complexo em sua ambigüidade e pluralidade.

Quando a criança ouve ou lê uma história e é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre ela, realiza uma interação verbal que, neste caso, vem ao encontro das noções de linguagem de Bakhtin (1992). Para ele, o confronto de ideias, de pensamentos em relação aos textos, tem sempre um caráter coletivo, social.

O conhecimento é adquirido na interlocução, o qual evolui por meio do confronto, da contrariedade. Assim, a linguagem segundo Bakhtin (1992) é constitutiva de vivências e significados, isto é, o sujeito constrói o seu pensamento, a partir do pensamento do outro, portanto, uma linguagem dialógica. Desse modo, para autor:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 1992, p112)

E é partindo desta visão da interação social e do diálogo que se pretende compreender a relevância da literatura infantil e seu papel no trabalho com as ações para a educação das relações étnico-raciais. Segundo Coelho (2001, p.17), a literatura “é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social e cultural.”

Considerar o trabalho com a literatura infantil dentro da temáticas das relações étnico-raciais é ter em conta que a criança passa a interagir com as histórias, acrescenta detalhes, personagens ou lembra de fatos que passaram despercebidos pelo contador. Essas histórias reais são fundamentais para que a criança estabeleça a sua identidade e compreenda melhor as relações familiares. Outro fato relevante é o vínculo afetivo que se estabelece entre o contador das histórias e a criança.

Contar e ouvir uma história é compartilhar uma experiência gostosa, na descoberta do mundo das histórias e dos livros, e principalmente do mundo em que vivemos.

E a maior riqueza deste trabalho com a literatura pode ser o favorecimento de uma identificação positiva, pelas crianças, com as personagens e questões por elas vividas. Os livros escolhidos trazem temas que necessitam ser abordados em sala de aula como a questão da identidade, das relações familiares, da cor da pele e do cabelo, mas com beleza e riqueza de cores. Para Gomes (2004), a escola como espaço de sociabilidade constitui-se em um local privilegiado para a superação dos conflitos e preconceitos raciais.

Assim, promover ações para que as crianças, e também pais, colegas e comunidade escolar, possam conhecer, reconhecer e valorizar os modos de vida, a cultura e a identidade dos descendentes de africanos através das histórias e da literatura infantil que abordam a temática étnico-racial, reafirma a escola como espaço de sociabilidade. E com os seguintes objetivos oportunizar a superação de visões estereotipadas que geram conflitos e preconceitos raciais:

- Oferecer conhecimentos sobre a cultura africana;
- Conhecer, desconstruir estereótipos e valorizar a Comunidade Afro-Descendente Quilombo de Mangueiras;
- Registrar a história não contada dos remanescentes do Quilombo de Mangueiras;
- Conhecer, ouvir e ver histórias sobre a África, africanos e afro-descendentes;
- Valorizar os modos de vida e a estética negra (africana e afro-brasileira) através da contação de histórias;
- Apresentar imagens positivas do continente africano, dos povos que nele habitam e dos afro-brasileiros;

3. CONTEXTO DO PLANO DE AÇÃO

3.1- A escola

A Escola Municipal Desembargador Loreto Ribeiro de Abreu (E.M.D.L.R.A) está situada na região norte de Belo Horizonte, no bairro Ribeiro de Abreu - Casas Populares, quase na divisa com a cidade de Santa Luzia.

A escola é de Ensino Fundamental com turmas de Educação Infantil. Atualmente a escola funciona com apenas três turmas de educação Infantil, todas no turno da tarde, mas esse número já foi muito maior.

Foi fundada em 12 de dezembro de 1970, a princípio para atender a clientela dos bairros: Ribeiro de Abreu, Casas Populares, Monte Azul e os filhos dos empregados do antigo Sanatório Hugo Werneck (hoje o asilo Recanto Nossa Senhora da Boa Viagem).

Iniciou suas atividades, primeiro, no salão da igreja católica do bairro e com a mobilização da comunidade ela foi construída pelo governo do prefeito Souza Lima segundo a placa de inauguração da escola e dos funcionários mais antigos.

É uma escola feita para a infância, preocupada com a beleza (espaços e jardins bem cuidados e coloridos), com o bem-estar (limpeza e conservação) e com o lúdico(casinha, arena multiuso, biblioteca, quadra coberta, brinquedos externos, labirinto,etc.). Onde a fantasia, a alegria e a vivência do tempo de criança são estimuladas através de vários espaços.

Hoje atende a diferentes bairros próximos (Casas Populares, Ribeiro de Abreu, Tupi, Lajedo, Monte Azul, Conjunto CBTU, além de atender também a uma invasão, etc.), os alunos em sua maioria chegam à escola de ônibus escolares fornecidos pela Prefeitura de Belo Horizonte. Sendo que 90% de sua clientela chegam de ônibus e 10% são do entorno da escola.

Por isso a comunidade é diversa, além das crianças e suas famílias, professores e funcionários, também fazem parte da comunidade escolar os motoristas e monitores dos ônibus escolares.

A comunidade escolar, mesmo distante fisicamente, é bem participativa, as assembléias e reuniões de pais têm ótima freqüência, e o colegiado é muito ativo, o que faz com que a escola tenha uma verdadeira parceria com as famílias e a comunidade em geral para melhorias e enfrentamento de problemas.

A escola adota uma postura de acolhida e compromisso com toda a comunidade escolar (alunos, familiares, professores, estagiários funcionários, motoristas e monitores) e todos os envolvidos na educação das crianças pequenas.

3.2- Eu e a escola

Trabalho na Rede Municipal de Belo Horizonte como Educadora Infantil, e na Escola Municipal Desembargador Loreto Ribeiro de Abreu, desde janeiro de 2005. Mas iniciei minha carreira na educação bem antes, em 1998, quando fui regente de turma por 3 anos. Durante este período percebi que necessitava de conhecimentos mais aprofundados sobre as crianças, sobre processos educacionais e o desenvolvimento humano. Por isso, decidi prestar vestibular para pedagogia, passei no vestibular e em 2004 me formei em Pedagogia, pela Universidade do Estado de Minas Gerais.

Após a graduação, trabalhei em escolas da rede particular de ensino até ser nomeada em 2004 para assumir uma vaga no atual cargo que ocupo em BH, onde fui lotada na E.M.D.L.R.A. e atuo como regente até o presente momento.

Meu horário de trabalho é de 13:00 às 17:30. Sou referência (que é a educadora fica com as crianças 3 horários e tem uma educadora de apoio fica um horário) de uma turma de 5 anos completos ou completando até julho, com atividades relacionadas às seguintes áreas do conhecimento: matemática, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade. Gosto muito de fazer parte desta escola, principalmente pelas boas relações entre adultos e crianças.

Há alguns anos abordo a temática racial em sala de aula , mas faltava um conhecimento específico para que o meu trabalho com as crianças fosse realmente de respeito à diversidade, faltava como está descrito no texto das DCNs (2004) “assegurar formação inicial e continuada de professores e profissionais atuantes da Educação Infantil para a incorporação dos conteúdos da cultura Afro-Brasileira e o desenvolvimento de uma educação para as relações étnico-raciais.”

Com o ingresso no curso do LASEB- História da África e Culturas Afro-Brasileiras em 2009 , tive a oportunidade de ampliar e construir meus conhecimentos sobre África, sobre a temática racial e desconstruir visões estereotipadas e preconceituosas, além de me instrumentalizar melhor para a prática de uma educação para a diversidade e para a paz.

E agora busco criar situações educativas para o reconhecimento, valorização e respeito da diversidade com uma base teórica mais concreta.

3.3- A escola e a Lei 10.639/03

A Proposta Político-Pedagógica (PPP) foi construída coletivamente em 2000/2001, com a participação dos funcionários da escola, das famílias, e o apoio do CEI-Norte, da GERED-Norte, do CAPE, e endossado pelo colegiado. A PPP é organizada a partir dos princípios que norteiam a Escola Plural, as práticas e teorias sobre Educação Infantil existentes; iniciando com um histórico que levanta demandas de aluno, recursos materiais e profissionais, e o atendimento de crianças em instituições de Educação ao longo da História, analisando sua função e as diversas concepções de criança.

Em seguida busca construir uma concepção de criança e infância, na relação dos pequenos com o conhecimento, as especificidades de cada idade através de estudos sobre desenvolvimento infantil e de um perfil profissional para quem atua neste ciclo da infância.

Já nas áreas do conhecimento se divide em: matemática, música, movimento, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e artes visuais, enfatizando o planejamento e as vivências lúdicas, partindo do conhecimento prévio e da curiosidade das crianças em cada área.

Completando, a P.P.P. apresenta ações para estreitar a relação família-escola-comunidade através de estratégias que promovam uma real participação nas ações pedagógicas e sócio- culturais da E.M.D.L.R.A., as referências bibliográficas e os nomes dos participantes na construção do documento.

Este documento carece de revisão e complementação já que foi construído à quase 10 anos, e alguns temas, tópicos e aspectos relevantes e até fundamentais da educação estão de fora do corpo curricular da escola.

E um deles é a História da África e Cultura Afro-Brasileiras, que a Proposta Político-Pedagógica da E.M.D.L.R.A. não faz menção literal, nem para a Educação das relações étnico- raciais, mesmo que no texto desse documento apareçam menções sobre adotar o respeito às culturas produzidas por diferentes povos, às crenças religiosas, à individualidade e o reconhecimento das crianças como seres históricos, não dispensa uma revisão em seu texto, para que se coloque explicitamente as intenções educativas para as temáticas étnico-raciais.

E isso é mais grave se atentarmos para o fato da escola estar geograficamente perto de uma Comunidade Quilombola, que é a Comunidade Afro-Descendente Quilombo de Mangueiras, e atender crianças dessa localidade.

Assim é urgente uma intervenção no currículo e nas práticas pedagógicas da E.M.D.L.R.A para atender, oportunizar e respeitar toda a comunidade escolar, seus saberes e vivências, culturas e religiões, na perspectiva de reconhecer e valorizar a participação africana e afro-brasileira na formação cultural (artística, política e intelectual) e social brasileira.

3.4- A Educação Infantil e a Lei

Diferentes Leis de nosso país reconhecem a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, tendo como objetivo o desenvolvimento integral das crianças

de até seis anos de idade, nos aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos/lingüísticos e sociais, complementando a ação da família e da comunidade (LDBEN 9.394/96, art. 29, e Resolução CEB 1/99, art. 3º, III), e apresenta grande importância quanto à educação para as relações étnico-raciais.

E de acordo com o texto do Plano Nacional de Implementação das DCNs da Educação das Relações Étnico-raciais (2009) o papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas, compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnicorraciais para a história e a cultura brasileiras.

“O acolhimento da criança implica o respeito à sua cultura, corporeidade, estética e presença no mundo (...). Nessa perspectiva, a dimensão do cuidar e educar deve ser ampliada e incorporada nos processos de formação dos profissionais para os cuidados embasados em valores éticos, nos quais atitudes racistas e preconceituosas não podem ser admitidas.” (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico- Raciais, Brasil; MEC).”

As instituições de Educação Infantil se constituem como espaços privilegiados de inserção das crianças nas relações que permeiam nossa sociedade, e essas interações sociais podem promover a ampliação de laços afetivos, contribuindo para o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas como enriquecimento de si próprias.

Por isso, é necessário, também na Educação Infantil, ter intenções educativas claras no que diz respeito à temática racial e a educação das relações étnico- raciais.

4- METODOLOGIA:

4.1-Contexto da sala de aula

O trabalho foi desenvolvido na turma de Educação Infantil, com crianças de 5 anos, da sala 6 do turno da tarde, na qual sou referência, e desenvolvo um trabalho pedagógico, lúdico e recreativo com as crianças.

A turma é composta por 26 crianças, sendo 10 meninas e 16 meninos, provenientes de cinco bairros próximos escola, além de atender também algumas crianças moradoras de uma invasão(terreno invadido). As crianças são alegres, carinhosas, participativas, comunicativas, gostam de cantar, dançar e apresentam muito interesse em ouvir e contar histórias.

As ações que acontecem na E.M.D.L.R.A., principalmente nas turmas de Educação Infantil vêm agregar experiências e ludicidade aos temas abordados na escola.

Aproveitando o grande interesse das crianças e sabendo que “os contos e as histórias povoam o universo infantil” e que a “ a fantasia e a imaginação são elementos fundamentais para que a criança aprenda mais sobre a relação entre as pessoas , sobre o eu e sobre o outro” (MEC/SECAD, 2006), a metodologia utilizada para a aplicação deste plano de ação foi a contação de histórias e a sensibilização por meio da Literatura.

Nessa Metodologia, que traz para a cultura escolar e para a cultura infantil os contos africanos e afro-brasileiros, são trabalhadas as diferenças, a riqueza cultural, os valores como amizade, respeito e a persistência, com personagens negros representados de forma positiva, com qualidade e beleza.

Essas histórias foram contadas em rodas e as discussões também aconteceram nesse formato, pois acredito no valor da circularidade em que a hierarquia se quebra e todos têm voz e vez. A roda tem sua importância ditada no texto das Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais:

A roda ou rodinha, tão utilizada nas instituições de educação infantil e inserida nas rotinas das mesmas, possui um significado importante para as diversas culturas e também para a indígena e africana. Na roda, é possível romper com as hierarquias, existe espaço para a fala, todos se vêem. E na roda que se conta história, novas brincadeiras são aprendidas, que são feitos os combinados. Retomar a roda como princípio básico de organização, como maneira de aprender coletivamente já é um exercício cotidiano de busca de respeito à diversidade. (MEC/SECAD, 2006)

Assim no corpo deste trabalho estão descritas algumas atividades em rodas utilizadas como instrumento facilitador de aprendizagens, para o compartilhamento de idéias e resolução de problemas.

Esse trabalho também envolveu as famílias e a comunidade escolar em atividades pertinentes ao tema. Já com as crianças as atividades foram mais sistemáticas e intensas.

A aplicação do plano de ação foi realizada entre os meses de maio a outubro de 2010.

4.2- Ações

Para alcançar os objetivos propostos apresentei as seguintes situações e atividades utilizando livros de literatura e do kit-afro que trazem a temática racial:

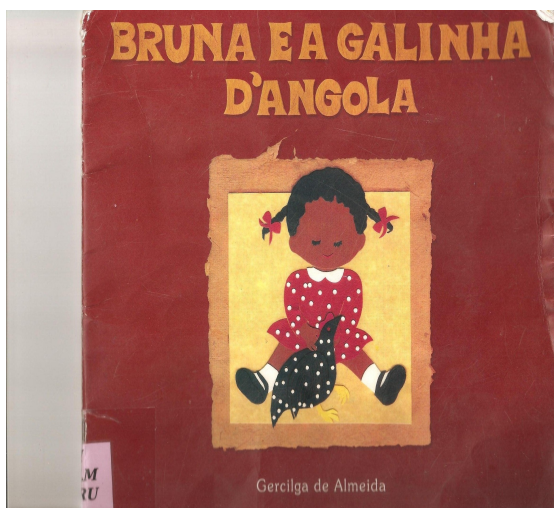
4.3- Com os pais e / ou responsáveis:

- Conversa para exposição do tema a ser trabalhado, detalhando estratégias ações e forma de participação das famílias (exibição de slides que abordam a importância do trabalho para a educação das relações étnico-raciais – problematizando questões e ouvindo sugestões);

- Participação e contribuições em mostras, visitas e exposições,
- Contribuição no chá de histórias, quando as famílias tiveram a oportunidade de contar suas histórias e fortalecer vínculos e laços afetivos e culturais.

4.4- Com as crianças:

- Filmes “Kirikú e a Feiticeira” e “Kirikú e os Animais Selvagens” (Michel Ocelot) e a partir deles observação do modo de vida africano, e com uma roda de conversas obtivemos percepções e questionamentos das crianças sobre o filme e os personagens. O momento foi aproveitado para expor para elas que são filmes a partir da mitologia (histórias milenares) africana;
- Em rodas de conversas, fazer questionamentos sobre África (perguntando se conheciam, como imaginam ou quais as imagens que já viram sobre o continente africano) e a partir daí fazer exposições, localizando no mapa o continente africano (mapa-múndi) e construir com as crianças um mapa, com o contorno, do continente africano;
- Contação de histórias que abordam os modos de vida africana, e registrar de maneiras variadas. Iniciar com o livro “Bruna e a galinha d’Angola”, já que no texto do livro a avó conta histórias da sua terra natal, que é a África, assim perguntar as crianças como chamamos os descendentes de africanos, (isto é, as pessoas que são filhos netos de africanos que nasceram e nascem fora do continente), que são os afro-descendentes.

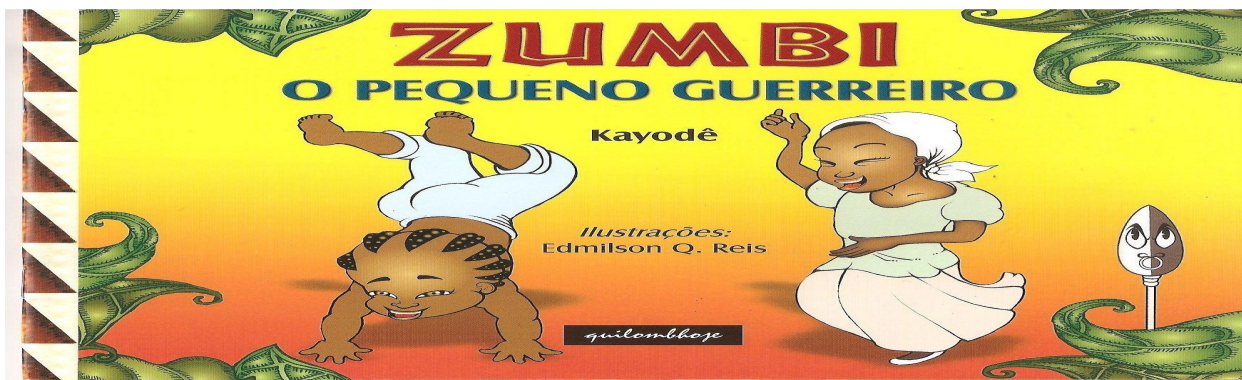


- Após essa história problematizamos a diáspora africana, a escravidão e como vemos a população negra (contribuições e preconceitos), pesquisando na internet, em livros, e sondando o que as crianças sabem do assunto, e com rodas de conversas explicar, desconstruir visões e concepções estereotipadas através dos debates e colher hipóteses sobre como a população escravizada conseguiu a liberdade.
- Com essas informações contamos a história “O amigo do rei”, que narra a amizade entre duas crianças, uma escravizada e a outra dona de escravos, que no final o menino escravizado era um rei, que fugiu da fazenda, foi para um quilombo e lutou muito para libertar o seu povo. Após a leitura problematizamos com os alunos suas descobertas, de forma a comprovar algumas hipóteses e descartar outras, principalmente sobre os quilombos.



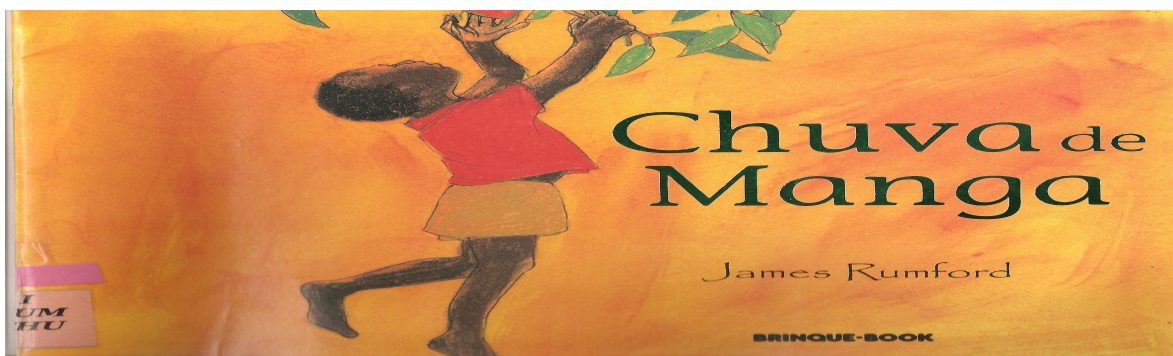
Apresentação de Informações sobre o Quilombo de Palmares e Zumbi, que como o protagonista do livro, também lutou pela liberdade do povo negro e contar

a história “Zumbi o pequeno Guerreiro” (mostrando vídeos e imagens, fazendo pesquisa e discussões sobre a resistência negra e a formação dos quilombos).



- História “Chuva de manga” (levamos a fruta para degustação, e explicamos que a manga pode ter sido trazida de navio pelos negros escravizados da África), e perguntar se as crianças conhecem uma comunidade afro-descendente que existe perto da nossa escola, dizer que é uma comunidade quilombola e que tem o nome de Mangueiras (pois lá tem muitas mangueiras como na história “Chuva de manga” e que tem pessoas que gostam de contar histórias como a avó de Bruna no livro “Bruna e a galinha d’Angola”, ao final propor uma visita a Comunidade Afro-descendente Quilombo de Mangueiras”.





- A visita à comunidade quilombola inseriu-se no objetivo de proporcionar às crianças conhecer a comunidade, as pessoas e principalmente ouvir a história da formação do quilombo. Ao retornar da visita, compartilhamos, em uma roda de conversas, as descobertas e as observações sobre os acontecimentos, ver fotos, filmagens e fazer registro dessa vivência através de desenhos.



- Realização do reconto da história da Comunidade Quilombola de Mangueiras, com as ilustrações das crianças. Essa foi uma maneira de conhecer, mostrar a

importância de preservar e divulgar o patrimônio cultural dessa comunidade, e contar uma história real e de resistência ao regime escravista.

- Atividades paralelas também foram desenvolvidas tais como confeccionar cartazes, murais, exposição de fotografias e mostra de vídeos para as crianças e toda a comunidade escolar.
- Realização do Chá de Histórias, com a contribuição das famílias.

..

4.5- ANÁLISE DOS DADOS

Com a aplicação deste plano de ação finalizada, posso fazer algumas análises quanto ao envolvimento das crianças e suas famílias, e da comunidade escolar.

As crianças estão se reconhecendo como sujeitos construtores de história, participando ativamente dos debates, respeitando as opiniões dos colegas e principalmente reconhecendo e valorizando a população negra como produtora e detentora de conhecimento.

Elas demonstraram, através dos desenhos, dos debates e conversas, que esse tipo de intervenção é necessário, pois as crianças não desenhavam as pessoas com suas respectivas cores, ficava tudo em branco e apresentavam falas e atitudes preconceituosas. Agora ao desenharem os outros e a si mesmos já colocam as cores, algumas falas desapareceram e outras surgiram como: “Eu sou negro!”, “ Eu sou bonita!”, “ a minha coleguinha é negra e bonita!”.

As famílias acolheram minha proposta do plano de ação e reconheceram a importância do trabalho com a temática racial para a quebra de estereótipos e promoção de uma Educação para a paz. E fizeram isso participando dos eventos, trazendo contribuições e questionamentos, e principalmente um crescente interesse pela trajetória educacional, afetiva e social de suas crianças.

A comunidade escolar apresentou mudanças nas ações, falas e até nas confecções de cartazes e murais (onde hoje aparecem figuras de pessoas negras), mas o mais importante foi a quebra do silenciamento quanto à temática racial na escola como um todo (trazendo à tona questões e situações que até bem pouco tempo eram “invisíveis”).

Já quanto às atividades programadas e os desafios enfrentados na aplicação deste plano tenho a dizer que o trabalho superou minhas expectativas, tive a adesão de mais duas colegas (também da Educação Infantil) que envolveram seus alunos neste projeto, e a direção e coordenação pedagógica me deram apoio, materialidade, abertura para divulgar e propor atividades e eventos.

A visita à Comunidade Quilombola de Mangueiras que foi uma ótima chance de conhecer esse local, sua história, eles nos mostraram como vivem, como as crianças se divertem e principalmente oportunizaram a desconstrução das visões estereotipadas que crianças, famílias e professores tinham do lugar.

Contaram a história da formação do quilombo de uma maneira muito especial, que as crianças gostaram, entenderam e se surpreenderam, pois nas histórias previamente contadas sobre os quilombos (‘Zumbi – o pequeno guerreiro’ e o ‘Amigo do Rei’) as formações desses lugares eram por razões de fugas para a libertação da situação de escravidão, mas no caso do Quilombo Mangueiras as terras foram compradas pela matriarca fundadora que nunca tinha sido escrava, pois tinha nascido após a Lei do Ventre Livre.

E isso ficou registrado no relato que a turma fez, com ilustrações, pinturas e escrita coletiva, num livro de pano.

Alguns pais participaram também da visita a Comunidade Quilombola de Mangueiras e do Chá de Histórias que promoveram o estreitamento de laços quebra de estereótipos e aquisição de novos conhecimentos.

5- CONCLUSÃO

O presente trabalho de título “Contando histórias e conhecendo um pouco da cultura africana e afro-brasileira: a Literatura na Educação Infantil e a aplicação da Lei 10.639/03” teve a literatura como pano de fundo para a criação de estratégias pedagógicas que possibilitassem uma intervenção na forma como o indivíduo se vê e vê o outro, e assim educar para a igualdade racial.

Inserir a temática das relações raciais na escola desde a Educação Infantil é fundamental para uma prática educativa que respeite a diversidade e crie condições para que as crianças possam construir “referenciais positivos sobre as identidades étnico-raciais sem preconceitos” (MEC/SECAD, 2006).

Essas ações (atividades de pesquisas, debates, rodas de conversas, exibição de vídeos e filmes, contação e reconto de histórias, ilustrações, confecção de murais, cartazes e livro de pano) promoveram a quebra da invisibilidade da temática racial na comunidade escolar, uma maior interação entre escola/família e educadora/crianças/famílias.

As pesquisas, aulas expositivas, debates e leituras realizadas sobre a temática acabaram por deixar o trabalho mais consistente, que é uma grande contribuição das disciplinas cursadas no programa de pós-graduação LASEB/ UFMG.

Assistir os vídeos e filmes além de ilustrar a temática trabalhada proporcionou emoção, prazer e abriu mais possibilidades do tratamento e análise de situações.

Os livros de literatura infantil e os kits de livros afros, fornecidos pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, também foram de grande valia para a aplicação deste trabalho. Pois os livros utilizados, além da consistência teórica, apresentam qualidade, beleza e referências positivas para as crianças, permitindo um contato e discussões com a cultura e alguns valores afro-brasileiros e africanos.

E a literatura, neste trabalho, tem papel basal, pois foi por meio, e a partir, dela que realizei todas as ações previstas e alcancei os objetivos propostos. A contação de histórias foi o detonador e motivador de aquisição e compartilhamento de conhecimentos, de debates sobre a temática racial.

O diálogo tem grande importância na construção do conhecimento sobre si e sobre o outro e favorece a aprendizagem, logo, ao promover rodas de conversas, debates as crianças compartilharam visões, conhecimentos, descobertas e estreitaram os laços afetivos.

A visita a Comunidade Quilombola de Mangueiras foi uma experiência riquíssima que proporcionou a todos os participantes momentos de construção de conhecimentos, desconstrução de estereótipos com a escuta da história daquele lugar e das pessoas que lá habitam.

O relato da história da Comunidade Quilombola de Mangueiras oportunizou ressignificar os conceitos e conhecimentos que construímos e desconstruir visões equivocadas que toda a comunidade escolar tinha deste lugar, a confecção do livro de pano foi prazerosa e significativa para todos os envolvidos.

As crianças demonstraram, através dos desenhos, dos debates e conversas, que o trabalho com a temática racial, com vistas e educação das relações raciais, é uma intervenção necessária e produz mudanças de visões e comportamentos.

As famílias e a comunidade escolar foram bem receptivas e participativas, se envolveram nas ações promovidas, trouxeram elementos para os debates e principalmente tiveram a chance participar ativamente na construção de atitudes de respeito à diversidade.

Enfim, a seguir destaco algumas contribuições deste trabalho:

- Colocou a temática racial na pauta de discussões da escola;
- Apresentou outra literatura para as crianças e famílias;
- Trouxe a família para um trabalho conjunto, o que estreitou laços de amizade, confiança e respeito;
- Aplicou o disposto na Lei 10.639/2003;
- Envolveu as crianças em atividades, planejadas e com intencionalidade pedagógica, para a aprendizagem de novos conteúdos e ressignificação de outros, com vistas a uma educação para a igualdade racial.

Assim acredito que o presente plano de ação cumpriu os objetivos e contribuiu também para melhorar as relações entre família/ escola/crianças. Mas muitas intervenções devem ser feitas a fim de que realmente possamos educar para a igualdade racial e conseqüentemente para a paz.

6- REFERÊNCIAS

Fonte: <http://www.webartigos.com/articles/11588/1/A-Importancia-da-Literatura-na-Educacao-Infantil/pagina1.html#ixzz13bkLOpRf>

ALMEIDA, Gersilga de. Bruna e a Galinha d'Angola. Rio de Janeiro: Editora Didática e Científica e PALLAS Editora, 2000.

CRISTIANE MADANÊLO DE OLIVEIRA. "LIVROS E INFÂNCIA" [online]
Disponível na internet via WWW URL: <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm>
Capturado em 27/10/2010

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 4.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ALMEIDA, Gercilga de. Bruna e a Galinha d'Angola. Rio de Janeiro: EDITORA Didática e Científica e PALLAS Editora, 2000.

BAKHTIN, M. M (1992) *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes (Coleção Ensino Superior).

_____. "Os gêneros do Discurso". In: *Estética da Criação Verbal*. SP: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003.

_____. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: 2006

_____. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC/Secad, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. 7.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Práticas pedagógicas e questão racial: o tratamento é igual para todos/as? In: DINIZ, Margareth; VASCONCELOS, Renata Nunes. (Org.). *Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores*. Belo Horizonte: Formato, 2004, p. 80-108

KAYODÊ, Zumbi, o pequeno guerreiro. São Paulo: Quilomboje, 2007.

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: LÚRIA, A R.; LEONTIEV, A N.; VYGOTSKY, L. S. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1988. p. 143-189.

ROCHA, Ruth. *O amigo do rei*. São Paulo : Editora Ática, 2003.

RUMFORD, James. *Chuva de Manga*. São Paulo: Brinque-Book, 2005.

SANTOS, Renato Emerson dos. Refletindo sobre a Lei 10.639: possibilidades e necessidades do ensino de Geografia a partir de um tensionamento do Movimento negro. Trabalho apresentado no XII Encontro de Geógrafos da América Latina – EGAL. Montevideú, 2009.

VYGOTSKY, Lev. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1992. p.120-130

Vídeos

HERÓIS DE TODO MUNDO. Episódio 27- Zumbi dos Palmares. A Cor da Cultura. Canal Futura.

KIRIKÚ E A FEITICEIRA. 1998. 71min. Michel Ocelot.

_____. E OS ANIMAIS SEVAGENS. 1998. 71min. Michel Ocelot.

NEGRAS IMAGENS EM MOVIMENTO. Ações Afirmativas FAE/UFMG.

(*)A Lei do Ventre Livre, também conhecida como “Lei Rio Branco” foi uma lei abolicionista, promulgada em 28 de setembro de 1871 (assinada pela Princesa Isabel). Esta lei considerava livre todos os filhos de mulher

escravos nascidos a partir da data da lei. Como seus pais continuariam escravos (a abolição total da escravidão só ocorreu em 1888 com a Lei Áurea), a lei estabelecia duas possibilidades para as crianças que nasciam livres. Poderiam ficar aos cuidados dos senhores até os 21 anos de idade ou entregues ao governo. O primeiro caso foi o mais comum e beneficiaria os senhores que poderiam usar a mão-de-obra destes “livres” até os 21 anos de idade.